

# ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA: A INFERÊNCIA DO DIALETO VIRTUAL (INTERNETÊS) NA ESCRITA DO PORTUGUÊS PADRÃO EM SALA DE AULA

Kelly Cristina Durães Ferreira<sup>1</sup>

## Resumo

O ritmo acelerado imposto pelos novos gêneros digitais da *Internet* como salas de bate-papo, sites de relacionamento como *Orkut*, conversas *on line*, como o *Messenger*, comentários em *blogs* e até mesmo o correio eletrônico (*e-mail*) propiciou a criação de um idioma próprio, o "internetês". Este dialeto do mundo virtual facilita a interação nas conversas *on line*, por dispor de recursos como abreviações e substituição de letras, que diminuem o número de caracteres a serem digitados. Com tanta praticidade, o linguajar se difundiu rapidamente em quase todos os ambientes da rede mundial de computadores. Não é muito raro encontrar *internautas* fazendo uso das palavras além do limite do compreensível. É evidente que a língua é viva e sempre vai mudar. As implicações começam a ser evidenciadas quan-

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras-Inglês pelo Instituto Superior de Educação Ibituruna - Iseib. Pós-graduanda em Metodologia e Epistemologia da Pesquisa pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. [kellycrisduraes@hotmail.com](mailto:kellycrisduraes@hotmail.com)

do o “internetês” transpõe as barreiras do mundo virtual e invade ambientes não apropriados, como a sala de aula. Os adolescentes passam muito tempo navegando na *Internet*, e praticamente escrevem fazendo uso do linguajar virtual, levando cada vez mais influências desse processo para a sala de aula.

**Palavras-chave:** Internetês, adequação linguística, gêneros digitais.

## Introdução

Este artigo é resultado de um estudo realizado com adolescentes na faixa etária de 13 a 14 anos, estudantes da 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental, de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Montes Claros – MG, no ano de 2007. Desenvolvido de forma qualitativa, este trabalho procurou compreender a riqueza e a flexibilidade do sistema linguístico da Língua Portuguesa, não se referindo sobre o que está “certo ou errado”, mas refletindo coerentemente sobre o conceito de adequação no uso da linguagem, frente à inferência da linguagem virtual aqui denominada de “internetês”, no domínio da escrita do português padrão em sala de aula. Utilizamos como instrumento de coleta de dados, entrevista semi-estruturada com 30 adolescentes *internautas* e cinco professores que ministram, simultaneamente, as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação da referida escola.

Tratou-se de averiguarmos a necessidade de discussões acerca da adequação no uso linguagem, seu papel e sua importância para o indivíduo como ser social. Objetivamos

ainda, no decorrer do estudo, identificar e descrever as inferências provenientes do “internetês” e suas principais simplificações, buscando analisar se os adolescentes tendem a utilizar essa linguagem de forma inconsciente e deliberada em redações e trabalhos escolares. Para discorrer sobre estas questões, dividimos este artigo em quatro seções.

## **1 O dialeto virtual (*internetês*) e a língua escrita**

Sabe-se que cada nova tecnologia modifica nossa percepção de mundo, principalmente no que se refere à nossa interação com o tempo e o espaço. Hoje, a rede mundial de computadores, mais conhecida como *Internet*, tem revolucionado a esfera da comunicação. As distâncias foram encurtadas, as informações se tornaram mais acessíveis e os gêneros provenientes do mundo digital incorporaram um novo linguajar, o “internetês”.

A *Internet* e a sua linguagem peculiar são fatores cada vez mais presentes no cotidiano dos adolescentes brasileiros. Segundo a *E-consulting*, o Brasil tem 25 milhões de *internautas*. De acordo com dados do Ibope/Netrating, os brasileiros ficaram em julho de 2006, em média, cerca de 16h54min conectados, ou seja, a população que passa mais tempo na *Internet* no mundo.

O termo “internetês” (variedade da língua portuguesa proveniente de ambientes virtuais), ainda não é uma terminologia presente no dicionário, mas traduz uma nova forma de escrever baseada na simplificação informal da escrita. A simplificação foi, inicialmente, utilizada em celulares, na abreviação de mensagens, torpedos e *scrapts*, chegando ra-



pidamente ao IRC (*Internet Relay Chat*), difundindo-se em quase todos os ambientes da rede mundial de computadores.

Denominado de dialeto do mundo virtual, o "internetês" utiliza, basicamente, abreviações, símbolos próprios e uma diversidade de recursos. Na intensidade de se comunicar em um curto espaço de tempo, as pessoas abreviam as palavras ao limite do irreconhecível, traduzem sentimentos por ícones e simplesmente renunciam as regras mais elementares da gramática brasileira.

O *internauta*, em seu ambiente de comunicação, sente-se condicionado a aspectos diretamente ligados à agilidade, economia e rapidez. Neste processo de comunicação mediado pelo computador, o usuário procura alternativas para se comunicar mais, com menos espaço, de forma ágil e rápida. Para que isso aconteça, ele dispõe de recursos como o uso de abreviações, de números no lugar de sequência de letras, utilização da homofonia, os sentimentos são expostos através dos *emoticons*, uso mínimo de letra maiúscula e ausência de sinais de pontuação.

As modificações se baseiam na linguagem oral, expressando as palavras por sua sonoridade. Essa característica busca trazer ao diálogo uma maior impressão de realidade, pois as palavras ganham inúmeras formas, de acordo com a intenção do locutor.

O "internetês" é bastante utilizado em salas de bate-papo (*chats*), nos programas de conversa *on line* como o *Messenger*, sites de relacionamento como *Orkut*, comentários em *blogs* e, por vezes, até mesmo no correio eletrônico (*e-mail*). Podemos denominar de gêneros digitais todas es-

sas manifestações de comunicação virtual.

A interação originada da conversação na *Internet*, ou seja, aquela mediada pelo computador, estabelece uma contraposição entre linguagem escrita e falada. Os adeptos do "internetês" sentem-se falando, mas a mesma ocasião que os põem em contato os obriga a construir um texto escrito, por meio da habilidade de digitar de forma rápida, por meio da simples referência "teclar".

Marcuschi (2004) destaca que "essa nova forma de escrita reproduz estratégias da língua falada, como a produção de enunciados mais curtos e com um número menor de nominalizações por frase". A comunicação na *Internet* é um evento textual fundamentado na escrita. Apesar dos recursos disponíveis de som e de imagem, a escrita ainda é essencial.

Os jovens costumam tratar esta variedade linguística como uma "fala escrita", ou seja, uma transposição do falar para a o escrever. Porém, é preciso considerar que a ideia de uma "fala por escrito" deve ser vista com cautela, pois a escrita (regida, em ambientes virtuais, mais por normas fonéticas do que por normas ortográficas).

Muitas das características atribuídas à variedade da língua portuguesa dos ambientes virtuais começaram a ser constituídas a partir das pressões decorrentes da tecnologia utilizada. Sistemas operacionais mais antigos não suportavam caracteres acentuados. Os computadores possuíam disco rígido menor e a transmissão de dados era extremamente lenta. Tais limitações impuseram normas para a comunicação, como a ausência ou a substituição da acentuação e as abreviaturas sempre que possível.

Palavras foram abreviadas até o ponto de se converterem em uma, duas ou, no máximo, três letras: (não = n, sim = s, de = d, que = q, também = tb, cadê = kd, tc = teclar, porque = pq, aqui = aki, acho = axo, qualquer = qq, mais ou mas = +). A pontuação e a acentuação foram abolidas (é = eh, não = naum). A escrita dos ambientes virtuais se remete à fonética das palavras e não à ortografia fixada pela norma padrão, motivada por questões relativas à economia de espaço e à rapidez de transmissão de dados da comunicação.

A telefonia celular difundiu o envio de mensagens SMS, conhecidas por "torpedos", com grandes vantagens aos usuários: não se perde tempo ao falar, mandam-se mensagens de qualquer lugar e a qualquer hora. Mais uma vez, as limitações tecnológicas, neste caso, o tamanho da tela do aparelho telefônico, influenciaram na estrutura da língua utilizada (quanto menos caracteres utilizados, mais espaço para o conteúdo da mensagem).

Em ambientes de comunicação síncrona (comunicação que se dá em tempo real, como *chat* e *Messenger*, em oposição à comunicação assíncrona (defasada no tempo, como *e-mail* e *blog*), são necessárias a agilidade e rapidez. O uso de abreviações encurta a tarefa de digitar, em um *chat*, por exemplo, alguns caracteres, como "H/M" resumem uma pergunta: "Você é homem ou mulher?". Ou uma ideia, como no símbolo "< >" (que significa "sem comentários"), ou "[ ]" (que significa "abraço forte"). Novamente, uma variedade de língua portuguesa mais concisa e icônica se faz necessária e se dá por meio destas representações.

O uso das estratégias abaixo sugeridas por Benedito (2003) pode ser observado tanto no inglês como no português:



- aproveitar o som dos vocábulos, como (mas+é=mazé etc.;
- empregar muitos sons onomatopéicos, como (ronc, miau, quá, fiu, cof, ffff etc.);
- suprimir muitos espaços;
- valer-se de todos os signos do teclado;
- usar maiúsculas só em abreviaturas e siglas, o uso em outras situações significa gritos;
- usar a letra (h) para acentuação, abreviaturas e siglas;
- os acentos desaparecem;
- ponto final desaparece;
- cortar quase todas as vogais;
- ch=x;
- qu=k;

As vogais são quase sempre suprimidas, como em “blz” (beleza). A intuição fonética do usuário é requisitada para decifrar itens como “flw” (falou). Para quem não está familiarizado com a variedade dos ambientes virtuais, “fds” (fim de semana), tais abreviações tornam-se apenas siglas. Mas, devido à repetição, tornaram-se convencionalizadas, funcionando como um item pleno do léxico da variedade linguística dos ambientes virtuais.

Para Murray (1989), “as mensagens *on line* ou simplesmente mensagens são enunciados predominantemente linguísticos, enviados ao destinatário que está, naquele momento preciso, ligado ao computador para recebê-las, e

se desejar, a elas responder". O que se pode chamar de comunicação em tempo real.

Cada mensagem é elaborada pelo destinador e enviada somente depois de ele adicionar o comando "enviar". As mensagens não são arquivadas, perdendo-se com a interrupção da interação, se não forem salvas. Na medida em que destinador e destinatário forem alternando mensagens, respondendo um ao outro, instaura-se a conversação na *Internet*.

Estas são algumas das simplificações mais comuns na língua portuguesa: "Qu" transforma-se em "k" ou "ku", dependendo da palavra: Quatro: kuatro; Aqui: aki; Quem:qm, kem; que = q ou ke. "Ch" transforma-se em "x", tal como palavras com dois "s" seguidos: chocolate: xocolate; achar: axar; passar: paxar; nossa: noxa; assassino: axaxino.

Após exaustivas análises da comunicação em ambientes virtuais de usuários falantes de inglês, Thurlow & Brown (2003) resumem suas investigações propondo três máximas que regem a comunicação em ambientes virtuais, as quais podem ser verificadas em qualquer língua. As máximas são:

*a) Máxima dupla da brevidade e velocidade*

1. Abreviação de itens lexicais
2. Uso mínimo de letras maiúsculas e sinais de pontuação

*b) Reestruturação paralinguística*

1. Homofonia de letras e números
2. Recuperação de vogais elididas



### c) Aproximação fonológica

Uma análise das máximas propostas por Thurlow & Brown (2003) sugere que, para se comunicar em ambientes virtuais, “o *internauta* deve dominar a norma padrão da sua língua. A recuperação de vogais elididas só pode ser feita por um *internauta* que tenha intuições linguísticas aguçadas, tanto para o remetente, que codifica, como para o destinatário, que decodifica”.

Algumas pessoas escrevem com frequência um “h” no fim de cada palavra, se a última letra for uma vogal: chocolate: *xocolateh*; achar: *axar*; passar: *paxar*; nossa: *noxah*; assassino: *axaxinoh*. Outras simplificações possíveis são as de palavras muito usadas, tais como: com torna-se *cm*, *c* ou *c/*; quando se torna *kdo*, *qdo* ou *qd*; quando nunca se torna em *kd*, que é uma forma encurtada de *cadê*; quanto em *kto* ou *qto*; donde torna-se *dd*; comigo torna-se *cmg*; mais se torna +; menos se torna -; para se torna *p/*, *pr* ou *pa*; beleza se torna *blz*; não se torna *ñ*, *n*, *non* ou *naum*; também se torna *tbm* ou *tb*; teclar se torna *tc*, que é uma gíria para “conversar usando o teclado”; imagem se torna *img*; como se torna *cmo*; firmeza se torna *fmz*. *Kd vc?* que significa “Cadê você?”; *Flw* que significa “Falou”; *T+* que significa “Até Mais”; *O q?* que significa “O quê?”; *Vc* que significa “Você”; *v6* ou *vcs* que significa “Vocês”; *C* que significa “Se”; *Vlw* que significa “Valeu”; *Eh* que significa “É”; *Mto* que significa “Muito”; *blz* que significa “Beleza”; *Tb (m)* que significa “Também”; + que significa “Mais” - que significa “Menos”, +/ - que significa “Mais ou Menos”; *qm* que significa “Quem”; *xau* que significa “Tchau”; *tah* que significa certo, tudo bem, e outras variantes; *tou*, *to* ou *tow* que significa “Estou”; *axu q* que significa “Acho Quê”; *MDTR* que significa “morrendo

de tanto rir”; *aff* é uma forma de mostrar insatisfação com algo.

O uso de *emoticons*, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone), para expressar emoções humanas, letras maiúsculas para simular gritos, alongamentos vocálicos, algumas manifestações exclusivas da fala e a substituição de acento agudo por *h* também são muito comuns. Os *emoticons* mais usados pelos *internautas* são: :-) Alegria, :-( Tristeza, ;- ) Piscadela de olho, ;-( Choro, :-O Espanto, :-| Dúvida, :-)\_ Fumador, :-X Calado, @>— Rosa, (@@) espanto, :-))) Gargalhando, :’-( Chorando, :”-( Inundação de lágrimas, ! ( Chateado, ~:- ( Zangado, (:-& Irritação, ;^ ) Dengoso, :-) Piscando o olho, :-> Piscar de olhos, :-\* Beijo, []’s Abraços, :-@ Divertido, :-V Gritando, :-e Desapontado, 8-0 “Ai meu Deus!”, :-/ Indiferente, |- ) Ficando com sono, |-O Bocejando, %-6 Doido, %- ) Maluco Beleza, :-P Mostrando a língua, :-o Oh, não!!! :-! Todo enrolado, :-—}, Mentiroso, :-(\*) Me embrulhou o estômago, :’( Estou com pena de você).

Percebe-se que, apesar do uso de siglas, abreviaturas, ausência de pontuação e uso excessivo de *emoticons* para demonstrar sentimentos e expressões faciais, a comunicação entre os usuários é estabelecida. A prática de não colocar pontuação ou certas vezes exagerar no uso de interrogações e exclamações também são características da transposição da fala na escrita.

Questiona-se a facilidade e, até mesmo, a agilidade por parte dos adolescentes quando estão utilizando os novos gêneros digitais e, ao mesmo tempo, um notável desinteresse, e muitas vezes, inúmeras dificuldades encontradas ao redigir textos e tarefas escolares.

As complicações começam quando o “internetês” transpõe as barreiras do mundo virtual e invade ambientes não apropriados, como a sala de aula. A influência da *Internet* na língua portuguesa é muito maior do que apenas a contribuição vocabular. Questiona-se agora o quanto o uso da variedade linguística do “internetês”, oriunda dos ambientes virtuais, pode influenciar na escrita do português padrão em sala de aula.

As discussões acerca da necessidade de adequação da linguagem, seu papel e sua importância devem acompanhar o aluno em todo processo de formação escolar. Um fator muito importante é conscientizá-lo sobre as questões que envolvam uso da linguagem e sua adequação, frente aos diversos ambientes em que estão inseridos.

## **2 A *Internet*, o português padrão e a escola**

Quando surgiu, a linguagem peculiar dos jovens na *Internet* começou a influenciar na escrita do adolescente *internauta* em sala de aula e, dessa forma, surgiu também a preocupação de alguns educadores. Um dos motivos do temor está relacionado a aspectos da variedade da *Internet* que poderiam influenciar negativamente o ensino da norma padrão.

Um dos impasses existentes com relação ao dialeto virtual é o uso dessa linguagem em ambientes onde ela não é apropriada, como é o caso da escola. Em português, ou em qualquer outra língua do mundo, a *Internet* já começa a modificar os habituais meios de comunicação considerados como politicamente corretos.

A grande provocação que nos é apresentada é a de integrar



e interagir com toda a comunidade escolar, no mundo da corporação globalizada, para garantir a possibilidade da livre expressão, mas também harmonizar a metodologia da construção da conversação humana dentro de um contexto da norma culta.

A sedução da linguagem da *Internet* é constante, proporcionando ao público uma gama de informações, que, mesmo sem tratamento pedagógico adequado, transforma-se em formação. Quando colocamos o desafio na mão do aluno, resgatamos o objeto de estudo (variações linguísticas) e oferecemos recursos para interpretá-las e analisá-las criticamente, permitindo a compreensão do processo de reavaliação da linguagem da *Internet* em ambiente escolar.

Segundo Possenti (1996), “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou talvez, mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e ideológico”.

Temos que pensar a educação associada ao pensar do uso da tecnologia. Isso deve ser uma atitude constante no ensino/aprendizagem dos educadores e especialistas da educação. Pois a existência da *Internet* está muito generalizada tanto na escola pública como na particular.

Apesar da inclusão, não se pode deixar de lado o ensino da norma padrão, pois a capacidade de decodificar as mensagens na interação virtual está atrelada à intuição linguística do *internauta*. Com relação ao papel do professor de língua portuguesa, Marcuschi (2004) indaga:

Qual o papel do professor de língua portuguesa, diante desse quadro, já que a leitura e a escrita estão sendo estimuladas pelas inovações tecnológicas? A resposta

pode estar atrelada à relação entre as variedades linguísticas e os gêneros textuais. O campo da pesquisa dos gêneros textuais emergentes no novo contexto de interação foi ainda pouco explorado. Novos gêneros surgem, outros são adaptados, cada qual com suas peculiaridades linguísticas. A escola fica responsável pela correção entre a norma e o uso da língua, adequada aos gêneros discursivos, novos ou emergentes. (Marcuschi, 2004, p.13).

Embora as práticas precedam a *Internet*, como mencionado anteriormente, a sociedade cobra um posicionamento da escola, mais especificamente, dos professores de língua portuguesa: proibir, ignorar ou aceitar a nova variedade? Educadores se posicionam favoravelmente à inclusão da nova variedade nos conteúdos de língua portuguesa. Assim como uma tese exige linguagem formal e um bate-papo no bar, a comunicação na *Internet* precisa de códigos e sinais mais rápidos e curtos. Gírias com os amigos e abreviações no computador são adequadas a determinadas situações comunicativas, em um currículo ou carta comercial, a norma padrão é requisitada.

Segundo Benedito (2003):

Cada época tem tido uma forma própria de comunicar-se: os sons de tambor, o fogo, os sinais com panos ou bandeiras, o bilhete, o telefone, o telégrafo, e agora o telefone fixo-móvel, a *Internet* e os telemóveis. O século XXI não foge à regra de qualquer outra época. As necessidades de comunicação têm sido muitas, o ritmo de vida é muito rápido, e o Homem continua a inventar sempre o material que faz avançar os seus sonhos e sempre aperfeiçoando e indo mais além, de descoberta em descoberta. E assim o *homo sapiens* está a converter-se em *homo digitalis* com a introdução, na vida diária, dos computadores, da *Internet* e dos telemóveis. (BENEDITO, 2003, p. 191)

De acordo com alguns estudiosos cuja temática permeia as inovações tecnológicas, o uso do "internetês" e dos gêneros digitais não prejudicam a escrita do português padrão em sala de aula. Sabe-se que, no Brasil, já são quase trinta milhões de pessoas com acesso à *Internet*. Cinco milhões de usuários brasileiros já navegam com banda larga, ou seja, com alta velocidade durante as vinte e quatro horas do dia. Dessa forma, tendem a se tornar mais habilidosas no manuseio do computador, bem como da *Internet* e dos gêneros digitais.

Um fator que provoca certa inquietação é o fato de que as crianças e adolescentes que possuem mais tempo no uso de computadores, e que já incorporaram as novas tecnologias como algo intrínseco à sua existência, podem sofrer mais influência quanto ao uso do "internetês", haja vista que são eles que escrevem a maior parte do tempo no computador do que no papel, e muitas vezes sem saber, carregam cada dia mais as inferências desse processo de variação linguística para a sala de aula.

É fato que a língua está em constante evolução e que está aberta a inovações. Vale ressaltar que a tendência à desnormatização dos jovens tende a crescer. Além de economia de tempo ao digitar e de uma conversa um pouco mais descontraída, muitos adolescentes fazem o uso deliberado do "internetês", simplesmente pelo fato de poder quebrar as regras gramaticais e acreditam que isso é algo bastante divertido. Alguns afirmam que esse novo linguajar é extremamente natural.

Para adolescentes que passam cerca de quatro a seis horas na frente do computador, confundir os tipos e as adequações no uso da linguagem torna-se muito mais fácil. Eles começam a usar o "internetês" de forma automática. Por isso, a mistura das diversas formas de escritas, oriundas do



linguajar virtual tem chegado à sala de aula por meio de “vc”, “p/”, “pq”, “ñ”, “c/”, “tb” e muitos outros.

## **2.2 A adequação no uso da linguagem**

Para Terra (2002), “não devemos pensar na língua como algo que se polariza entre o “certo e errado”. Visto que existem vários níveis de fala, o conceito do que é “certo” ou “errado” em língua deve ser considerado sob esse prisma”. Na verdade, devemos falar em linguagem adequada.

Em uma situação de caráter informal, como um bate-papo descontraído entre amigos, é adequado que se utilize a língua de maneira espontânea, em seu nível coloquial. Já numa situação formal, como um discurso de formatura, por exemplo, não seria adequado utilizar a linguagem em sua forma coloquial. Tal situação exige não somente uma vestimenta, mas também uma linguagem adequada.

Ainda de acordo com Terra (2002), faz-se necessário o uso da adequação da linguagem:

Conhecer uma língua é ser capaz de compreender aquilo que ouvimos ou lemos, de reconhecer as variantes dessa língua, identificando o papel social desempenhado pelas pessoas, que interagem num processo comunicativo. É saber comunicar-se com interlocutores variados, em situações variadas, sobre assuntos variados. (TERRA, 2002, p.1).

Entretanto, será que é esta visão que a escola nos passa acerca do que é certo ou errado em matéria de língua? Cada situação de produção discursiva específica vai exigir do sujeito que escreve ou que fala o uso de uma linguagem particular. Assim, não falamos da mesma maneira ao fazer-

mos uma apresentação de um seminário, em uma aula de história e quando falamos sobre o mesmo assunto com um colega, em um fim-de-semana na praia. O importante papel do educador é o de preparar o educando para usar, criticamente, as diversas formas de linguagens e também utilizá-las de maneira adequada.

### **3 Análise das inferências da linguagem virtual em sala de aula**

A seguir, apresentamos os Quadros 1 e 2 que representam as principais questões levantadas durante a coleta de dados para a pesquisa e as análises que nos ajudaram na compreensão do problema do referido estudo.

As análises obtidas por tratamento estatístico mostram que os professores entrevistados estão bastante atualizados no que se refere ao dialeto do mundo virtual, o "internetês". Além disso, estão bem familiarizados com o conceito de gêneros digitais, pois utilizam essas ferramentas frequentemente.

QUADRO 1

Entrevista realizada com os professores da 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série de uma escola da rede particular de ensino de Montes Claros - MG.

Sabe o que é dialeto virtual	100% sim	0% não
Sabe o que são gêneros digitais	80% sim	20% não
Evidência do "internetês" em trabalhos escolares	80% sim	20% não
Acredita na inferência negativa do dialeto virtual	40% sim	60% não
Aborda em sua aula adequação linguística	80% sim	20% não

Constatamos, a partir da fala dos professores de Língua Portuguesa e Redação, que os trabalhos escolares como textos e redações têm sido alvo do uso do “internetês” por parte dos alunos. Quanto a inferência do “internetês”, a maioria dos professores disse não acreditar que o dialeto virtual possa influenciar de forma negativa o domínio do português padrão em sala de aula; pois se trata apenas de mais uma variação linguística que deve ser respeitada. Na opinião dos educadores, os adolescentes possuem mais tendência a utilizar o internetês, na faixa etária de 13 a 14 anos, que compreende, necessariamente, os alunos da 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental.

Percebemos que os professores têm trabalhado em sala de aula a adequação no uso da linguagem, por meio de textos que tratam de adequação vocabular. Grande parte dos professores afirmam que, apesar de já evidenciarem estruturas provenientes do internetês, em sala de aula, acreditam que os adolescentes saibam diferenciar a linguagem da *Internet* e as normas do português, e não utilizam esse dialeto virtual de forma inconsciente e automática.

Quando consideramos as respostas dos alunos entrevistados, verificamos que estes relataram sobre a pouca afinidade que possuem com as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação. Afirmaram ainda que acessam, durante a navegação na *Internet*, sites de conversa *on line* como o *Messenger*, *Orkut*, bate-papo (*chats*) e ainda provedores de acesso a *e-mails*. A maioria busca por sites com a finalidade de pesquisa escolar.

Quando questionados sobre o uso de abreviações, como as provenientes do “internetês”, responderam que já se pegaram escrevendo coisas do tipo: “vc”, “p/”, “pq”, “ñ”, “c/”, “tb” e outros.



### Quadro 2

Entrevista realizada com os da 7ª e 8ª série de uma escola da rede particular de ensino de Montes Claros - MG.

Afinação com Língua Portuguesa e Redação	64% um pouco	16% não	12% sim	8% detesto
Sites mais acessados	80% messenger, orkut, bate-papo (chats)	12% provedor de acesso a e-mail	8% pesquisas escolares	-
Uso do "internetês"	72% sim	20% não	8% às vezes	-
Adequação da linguagem	72% sim	28% não	-	-

No que se refere à adequação no uso da linguagem quando estão na *Internet* e em sala de aula com trabalhos e textos escolares, os entrevistados responderam que sabem perfeitamente diferenciar os dois tipos de escrita.

A maioria dos entrevistados considera que o seu conhecimento sobre *Internet* seja ótimo, embora não saibam, certamente, o conceito de gêneros digitais. Demonstraram saber as principais abreviações e símbolos que representam o linguajar virtual. Podemos observar que os alunos sentem dificuldades em trabalhos escolares, nos quais necessitam utilizar a norma culta da língua portuguesa.

Verificamos que, apesar de dispensar à *Internet* uma média de tempo muito alta, em *sites* de relacionamentos e bate-papo, cerca de 6 horas por dia, utilizando somente internetês, os adolescentes garantem que sabem adequar sua linguagem.

#### **4 Considerações Finais**

Diante das proposições apresentadas, percebemos que a utilização dos gêneros digitais, bem como do “internetês”, deve ser repensada de uma forma crítica, por parte dos professores de Língua Portuguesa, Redação e demais educadores.

Faz-se necessário conscientizar os adeptos do linguajar tipicamente virtual da importância de se comportar diferentemente diante da linguagem coloquial ou informal e da norma culta do português padrão, adequando a escrita a cada uma dessas variações da Língua Portuguesa.

Outro fator importante é saber com quem e quando usar tais variedades, utilizando o bom senso e boas leituras, que possibilitem o contato com outros tipos de linguagem, além do “internetês”. Quanto mais aguçado for o vocabulário destes adolescentes, a escrita será bem mais rebuscada.

A escola deve aproveitar a competência comunicativa desses adolescentes, para transformá-los em produtores textuais, observando as informações oriundas da *Internet*, unidas ao conhecimento de mundo dos alunos, por meio de trabalhos que envolvam tópicos de discussão e valorização deste, como pessoa dentro e fora da sala de aula.

#### **Referências**

BENEDITO, Joviana. **Dicionário da *Internet* e do telemóvel**. Lisboa: Centro Atlântico, 2003.

FREITAG, R.M.K.; FONSECA E SILVA, M. **Uma análise sociolinguística da língua utilizada na *Internet***:

**implicações para o ensino de língua portuguesa.** Revista Intercâmbio, Vol.XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

IBOPE/NET RATING. Disponível em [www.ibope.com.br/sobre.../pesquisa\\_Internet.html](http://www.ibope.com.br/sobre.../pesquisa_Internet.html). Acesso em 23.08.2007.

MURRAY, D.E. **The context of oral and written language: a framework for mode and medium switching. Language in Society.** London: Cambridge University Press, 1988.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática.** São Paulo: Scipione, 2002.

THURLOW, C., BROWN, A. **Generation Txt? The sociolinguistics of young people's text messaging. Discourse Analysis Online.** 1.1.2003. Disponível em: <http://www.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a3/thurlow20022003-paper.html>. Acesso em 13.11.2007.

XAVIER, Antônio Carlos. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido.** Rio de Janeiro: Lucena, 2004.